

A DANÇA, A CRIANÇA E AS TECNOLOGIAS: FAVORECENDO A INTEGRAÇÃO DE LINGUAGENS NO CONTEXTO EDUCATIVO

DANCE, CHILDREN AND TECHNOLOGIES: FAVORING THE INTEGRATION OF LANGUAGES IN THE EDUCATIONAL CONTEXTO

DANZA, NIÑAS/OS Y TECNOLOGIAS: FAVORECIENDO LA INTEGRACIÓN DE LOS LENGUAJES EN EL CONTEXTO EDUCATIVO

Fernanda de Souza Almeida ¹
Deyzylany Ferreira Neves ²

Manuscrito recebido em: 25 de dezembro de 2020.

Aprovado em: 17 de março de 2021.

Publicado em: 17 de março de 2021.

Resumo

Essa investigação buscou experimentar uma possibilidade de vivenciar a dança com crianças entre 4 e 5 anos de idade em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da cidade de Goiânia - GO, tendo as tecnologias de informação e comunicação (TIC) como eixo central dos procedimentos metodológicos. Para tanto, acessou-se estudos que perspectivam a dança com a infância, bem como a formação docente para trabalhar essa linguagem artística com meninas e meninos de pouca idade; além de autores que discutem as TIC no cotidiano educativo. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa com caráter de estudo de caso, na qual promoveu-se 10 encontros dançantes utilizando o celular, *datashow*, *tablet*, entre outros recursos eletrônicos. A geração e análise dos materiais constituíram-se no registro em fotos e vídeos capturados pelas pesquisadoras e pelas crianças participantes. Notou-se ser viável o uso das tecnologias de informação e comunicação nas vivências em dança com a criançada, por despertar-lhes o interesse para a integração das linguagens artísticas. Essa investigação pode colaborar com a formação de professoras/es, uma vez que as Diretrizes Curriculares sobre a profissionalidade docente frisam a necessidade das TIC para o aprimoramento das práticas pedagógicas e a expansão cultural das/os envolvidas/os, assim como impulsionar maneiras outras de abordar a dança em uma interface crítica e criativa com as TIC na Educação Infantil.

Palavras-chave: Arte e movimento; Infância; Tecnologia educacional; Instituição de educação básica.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo. Mestre em Artes pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente na Universidade Federal de Goiás. Membro do Grupo de Estudos Pesquisa e Primeira Infância: Linguagens e Culturas Infantis e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6628-4283>

Contato: fefalmeida@gmail.com

² Licenciada em Dança pela Universidade Federal de Goiás.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2435-1887>

Contato: deyzylanyf.n@gmail.com

Abstract

This investigation sought to experience the possibility of experiencing dance with children between 4 and 5 years of age in a Municipal Center for Early Childhood Education (CMEI) in the city of Goiânia - GO, with information and communication technologies (ICT) as the central axis of methodological procedures. To this end, studies that looked at dance with childhood were accessed, as well as teacher training to work this language with children; in addition to authors who discuss ICT in the school environment. It was a qualitative research with a case study character, in which 10 dance meetings were held using the cell phone, datashow, tablet and other electronics resources. The production and analysis of the materials consisted of recording photos and videos captured by the researchers and the participating children. It was noted that the use of information and communication technologies in dance experiences with young girls and boys, was feasible, as they aroused their interest in the integration of artistic languages. This investigation can collaborate with the training of teachers, since the Curricular Guidelines on teaching professionalism emphasize the need for ITC to improve pedagogical practices and the cultural expansion of those involved, as well as boosting other ways of approaching dance in a critical and creative interface with ITC in Early Childhood Education.

Keywords: Art and movement; Childhood; Educational technology; Basic education institution.

Resumen

Esta investigación buscó experimentar la posibilidad de trabajar la danza con niñas/os de entre 4 y 5 años en un Centro Municipal de Educación Infantil (CMEI) de la ciudad de Goiânia - GO, con (TIC) como eje central de los procedimientos metodológicos. Por lo tanto, se accedió a estudios que enfocaban la danza con la infancia, así como a la formación de professoras/es para trabajar este lenguaje con niños; además de autores que discuten las TIC en el cotidiano educativo las tecnologías de la información y la comunicación. Se trató de una investigación cualitativa con carácter de estudio de caso, en la que se realizaron 10 encuentros de danza utilizando el celular, datashow, tableta y otros recursos electrónicos. La producción y análisis de los materiales consistió en la grabación de fotografías y videos capturados por las investigadoras y las/os niñas/os participantes. Se señaló que el uso de las tecnologías de la información y la comunicación en las experiencias de danza con niñas y niños era factible, ya que despertaron su interés por la integración de lenguajes artísticos. Esta investigación puede colaborar con la formación de docentes, ya que los Lineamientos Curriculares sobre profesionalismo docente enfatizan la necesidad de las TIC para mejorar las prácticas pedagógicas y la expansión cultural de las/os involucradas/os, así como impulsar otras formas de trabajar la Danza en una interfaz crítica y creativa con las TIC en la Educación Infantil.

Palabras clave: Arte y movimiento; Infancia; Tecnología educacional; Institución de educación básica.

Pré-produção: selecionando os/as atores/atrizes³, o local e os equipamentos

Ao longo da experiência docente na área da Dança em instituições de ensino formal, foi possível observar uma considerável redução participativa das/os jovens nas aulas dessa modalidade de expressão da linguagem artística. Como tentativa de entender quais fatores levaram e levam as/os discentes do Ensino Fundamental ao (des)interesse pelo ensino da dança, decidiu-se por ouvi-las/os. Fato interessante foi ter descoberto que, parte significativa delas/es opta por se encontrarem aparte do turno regular, por conta própria, para escutarem e dançarem ao ritmo de suas preferências musicais, como *Funk*, *Rap*, *Tecnobrega*, *Hip Hop*, *Forró*, *Sertanejo* e *K-pop* e suas coreografias disponíveis nos canais de *YouTube* e outros aplicativos. Notadamente, as/os discentes preferem, justamente, os estilos musicais/coreográficos evitados pelas/os gestores institucionais, especialmente, no âmbito da dança, por serem gêneros considerados de alto teor ideológico e propagado pelas mídias sociais.

A esse respeito, Santaella (2005) denuncia a inaptidão e, por que não, o descuido e a indiferença do espaço educativo formal em criar e estabelecer alianças com os grandes meios de comunicação e com os *saberes da rua* para elaborar projetos híbridos que abracem os diferentes modos de ser, pensar, atuar, viver e elaborar o pensamento e as linguagens das diferentes pessoas envolvidas no processo educativo.

Não podemos relegar o papel essencial das instituições de educação formal no que concerne ao compartilhamento do patrimônio cultural da humanidade, dos saberes construídos e de uma escuta às experiências tradicionais desenvolvidas no passado. Afinal, esses conhecimentos possibilitam ao ser humano uma apropriação de sentidos e significados para atuar de maneira concisa e consciente com vistas à transformação da (sua) realidade.

³ O universo da Dança e da Educação das crianças pequenas envolve, majoritariamente, as mulheres. Dessa maneira, para dar visibilidade e militar pelo empoderamento feminino, este artigo foi escrito utilizando palavras nas duas formas de gênero no plural, iniciando pelos marcadores de feminino seguido do masculino, além dos coletivos neutros (docentes, discentes, estudantes), pois, como no Colectivo Filosofarconchicxs (2018), a escolha da linguagem revela a forma como concebemos o mundo.

Contudo, em nosso século emerge a necessidade de dialogar, intercambiar, reler e expandir as fronteiras do conhecimento para concebermos uma educação que seja, de fato, inclusiva, motivadora e que gere sentimento de pertencimento, proatividade e autonomia às/aos discentes. Agir assim, é uma genuína aproximação dos contextos reais das/os estudantes e dos saberes *extramuros* institucionais, na tentativa de desenvolver abordagens outras, alicerçadas na realidade sociocultural do entorno.

A vivência ao longo dos anos com a Dança no cotidiano educativo formal fez com que compreendêssemos que, tal área do conhecimento, é tratada em tais espaços de modo trivial, sem a devida importância, o que contribui para que o seu ensino não faça sentido as/aos muitas/os jovens. Diante dessa percepção, passamos a refletir sobre a necessidade de reformulação das metodologias e práticas em dança nas instituições de Educação formal, visando aguçar as/os estudantes para esse universo da expressão artística, estética, poética e corporal.

Observamos que a *internet*, *notebook*, TV digital, *scanner*, câmera digital, filmadora, lousa digital, projetor multimídia, *datashow*, celulares, *tablets* e tantos outros recursos eletrônicos instigam as/os jovens a se atentarem mais ao que está sendo construído nas vivências educativas e favorecem o acesso, por exemplo, às danças que tanto os aviva. Atualmente, as tecnologias da informação e comunicação (TIC) estão presentes nos mais diversos atos de nosso cotidiano, independentemente do grupo etário e condições econômicas; e com as crianças de pouca idade isso não se difere.

Sob tal aspecto, muitas áreas da Educação têm debatido como as TIC podem apresentar novos/outros caminhos metodológicos a serem utilizados nas instituições para facilitar/engajar o compartilhamento de saberes entre professoras/es e estudantes. A esse respeito, Pereira (2016) disserta sobre o quanto é relevante o uso das TIC para atualizar o processo educativo. Contudo, a autora alerta que:

O uso das tecnologias de informação por si só não representa mudança pedagógica, se for usada somente como suporte tecnológico para ilustrar a aula. O que se torna necessário é que ela seja utilizada como mediação da aprendizagem para que haja uma melhoria no processo ensino aprendizagem (PEREIRA, 2016, p.1).

A autora aponta que as/os professoras/es precisam buscar informações sobre os recursos tecnológicos para que possam oferecer as/aos jovens um ensino motivador, tanto que “pode-se dizer que não é a tecnologia em si que causa a aprendizagem, mas a maneira como o professor e os alunos interagem com ela” (PEREIRA, 2016, p.16). Dessa maneira, o eixo central de reflexão incidiria sobre como aproveitar a potência das TIC nas propostas que envolvem o ensinar e aprender de docentes e discentes, para além dos modelos programáticos e da racionalidade técnica que, muitas vezes, permeia as práticas educativas.

Cativadas por esse assunto e buscando investigar possibilidades metodológicas para abordar a dança nas instituições de educação formal por meio das TIC, foi idealizado um subprojeto de pesquisa nomeado *A Dança, as Crianças e as Novas Tecnologias*, vinculado a um projeto maior, guarda-chuva, intitulado *Dança-relando: a práxis artístico-educativa em dança com crianças*. Uma ação do Grupo de Pesquisa em Dança: Arte, Educação e Infância (GPDAEI), vinculado ao curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia (GO).

O projeto de pesquisa guarda-chuva perdurou quatro anos (2015-2019) e objetivou propor e investigar caminhos outros para dança no espaço educativo formal e não formal da cidade de Goiânia, com crianças entre 2 e 10 anos de idade, além de verificar suas reverberações na profissionalidade docente em dança. Além do mais, foi criado o projeto de extensão e cultura *Dança-relando*, articulado ao projeto principal, já mencionado, e que atendeu crianças, professoras/es, auxiliares e gestoras/es de oito Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) de Goiânia (GO), por meio de encontros dançantes e formações continuadas. Para cada CMEI foi desenvolvido um subprojeto de pesquisa específico, inerente as necessidades e curiosidades do local, das/os participantes e do cotidiano educativo. Um modo de fazer, estar e pensar a Dança que se coloca *em relação*, para construir junto *com* as crianças e em *parceria* com as instituições, professoras/es, seus projetos pedagógicos e documentos orientadores. Uma ação engajada com o contexto.

Antes da ida a campo, as/os integrantes do GPDAEI se reuniam para estudar, refletir, elaborar e experimentar corporalmente as propostas em dança que seriam oferecidas às crianças de cada CMEI, além de ser um momento para troca de experiências e novos

aprendizados entre as/os pesquisadoras/es do grupo, bem como fomentar a produção acadêmica a respeito da Arte com a infância.

Nesse contexto de interlocução foi que iniciou-se o questionamento acerca de como oportunizar a Dança com a Educação Infantil utilizando as TIC, uma vez que tais tecnologias já pertencem ao cotidiano da criança desde tenra idade. Com isso, pressupôs-se que oferecer a dança em conexão com um uso criativo e permeado de sentidos, dos recursos tecnológicos, poderia potencializar o interesse da meninada por essa linguagem artística.

Dessa maneira, a presente investigação teve como objetivo identificar, elaborar, experimentar, refletir sobre o processo e revelar à comunidade acadêmica uma possibilidade de abordar a dança com crianças entre 4 e 5 anos de idade, realizado em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da cidade de Goiânia-GO, tendo as TIC como eixo central dos procedimentos metodológicos.

Sobre isso, Pereira (2016) revela que as/os professoras/es apresentam grandes dificuldades em lidar com o universo tecnológico, principalmente pela falta de formação e receio ao novo, além do pensamento de que a garotada ficará dispersa no momento da atividade, buscando na *internet*, apenas as redes sociais e pesquisar assuntos diversos, gerando embates para o desenvolvimento do que foi proposto.

À vista disso, a autora supracitada afirma que o uso das TIC na prática pedagógica tem a potência de fomentar a autonomia, a proatividade e o protagonismo infantil na medida em que juntas/os, docentes e crianças, podem romper as posturas prescritivas tradicionais de abordagem dos temas. A utilização reflexiva e crítica das tecnologias também podem descentralizar o saber e as decisões, promovendo desafios, trocas, diálogos e parcerias entre todas/os envolvidas/os no processo educativo.

Além do mais, a mesma autora (PEREIRA, 2016) aponta que, após entrevista com algumas/ns professoras/es, identificou que apesar dos entraves e dificuldades, elas/es almejam dominar as tecnologias e ter novos/outros recursos disponíveis e proveitosos para suas práticas educativas. As/os docentes assumiram que as TIC são primordiais para incentivar o engajamento das crianças e adolescentes, porém relataram a necessidade de cursos práticos para aprender a lidar com elas no contexto da educação formal, afinal, tais

recursos estão em toda parte, e tanto as/os docentes quanto as/os jovens apresentam certa familiaridade na interação com os aplicativos no cotidiano.

Nesse sentido, este estudo se faz relevante para a formação docente à medida que apresenta uma possibilidade de abordagem da dança com meninas e meninos de pouca idade na interface com as TIC, instigando as/os professoras/es a buscarem e construam outras (e mais) estratégias metodológicas dançantes alinhadas às particularidades de cada espaço educativo, especialmente adaptadas à pequena infância (FARIA; DERMATINI; PRADO, 2009). Também é intenção desta pesquisa ressaltar como as TIC podem ser um recurso para diversificar as experiências em dança e oferecer às crianças outras formas de expressividade e comunicação corporal e visual, além de contribuir para que mais reflexões, sobre o atual processo da inclusão digital nas instituições, sejam feitas.

É de nosso conhecimento o desenvolvimento de muitas práticas educativas sensíveis e inovadoras envolvendo a dança e as crianças, contudo, há poucas ações sistematizadas, no formato acadêmico, disponíveis para consulta. Fato que pode ser notado quando se faz uma busca nas bases virtuais do Google Acadêmico, do Portal ANDA (Associação Nacional de Pesquisadores em Dança), do Confaeb (Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil) e do Copedi (Congresso Paulista de Educação Infantil) usando os descritores *Dança e Educação Infantil*, *TIC no Ambiente Educativo*, *TIC e Educação Infantil*, *Dança e TIC*. De 64 trabalhos encontrados, dez tiveram maior consonância com o presente estudo, sendo quatro em TIC e Educação Infantil e seis a respeito da Dança e TIC. Porém, quando se trata da Dança com a Educação Infantil em relação as TIC, não foram encontradas pesquisas relacionadas ao tema. Assim, este estudo pretende contribuir com a divulgação da temática em destaque.

A presente pesquisa está embasada, metodologicamente, sob o viés qualitativo com caráter de estudo de caso. A pesquisa qualitativa é um procedimento investigativo que valoriza o processo e não o produto, na qual as/os pesquisadoras/es vão à campo para compreender/apreender o fenômeno a partir das particularidades das pessoas nele envolvidas e considerando todos os pontos de vista relevantes. Sobre esse modelo metodológico, Flick (2009) afirma que:

[A] subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos, etc., tornam-se dados de si mesmo, constituindo parte da interpretação e são, portanto, documentadas em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto (FLICK, 2009, p. 25).

Nesta perspectiva, a abordagem qualitativa não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada ou como um conceito teórico-metodológico unificado. Ela permite que a criatividade e as necessidades do entorno levem as/os pesquisadoras/es a explorarem suas investigações e proporem outras direções no curso da investigação (FLICK, 2009). Tais características se aproximaram da presente investigação, uma vez que ela foi elaborada no decorrer do seu fazer, a partir das diferentes relações que eram estabelecidas ao longo do seu desenvolvimento.

Já o estudo de caso é um procedimento qualitativo que se baseia em investigar uma situação em uma determinada unidade específica. Segundo Yin (2009), a abordagem inicial do estudo de caso consiste em identificar um caso significativo para depois estabelecer as abordagens metodológicas necessárias à sua reconstrução. No caso desta pesquisa, nos primeiros contatos com a instituição, a diretora relatou o uso recorrente das tecnologias nas atividades pedagógicas e mencionou que uma das professoras do local estava trabalhando com gravações em vídeo das crianças, para posterior apreciação. De posse dessas informações iniciou-se a aproximação ao campo de pesquisa levando em consideração que:

[...] se o estudo é feito numa escola, o pesquisador procurará fazer observações em situações de aula, de reuniões, de merenda, de entrada e saída das crianças; coletará dados no início, no meio e no final do semestre letivo, ouvirá professores, pais, alunos, técnicos, serventes. Com essa variedade de informações, oriunda de fontes variadas, ele poderá cruzar informações, confirmar ou rejeitar hipóteses, descobrir novos dados, afastar suposições ou levantar hipóteses alternativas (FLICK, 2009, p.145).

O passo inicial feito por nós, antes de qualquer intervenção, foi o de acessar a proposta curricular *Infâncias e Crianças em Cena: por uma Política de Educação Infantil para a Rede Municipal de Educação de Goiânia* (GOIÂNIA, 2014) e o Projeto Político Pedagógico (PPP) do CMEI, além de termos realizado algumas conversas com as professoras da

instituição e com a diretora para que tivéssemos mais conhecimento sobre o contexto do qual faríamos parte. Nesse processo, buscamos uma variedade de dados sobre a organização do CMEI e, principalmente, como estava sendo ofertada a prática da dança na instituição. Entretanto, dada as limitações textuais requeridas para esta publicação, apresentaremos essa pesquisa em formato de relato de experiência.

Para a geração e análise dos materiais foi utilizada a prática da fotografia, por ser uma forma de registro que serve como fonte documental. Nos ambientes educativos a fotografia fomenta a ampliação do olhar daquele que fotografa, sendo a foto reconhecida como “reveladora de uma verdade interior apresentando diferentes formas pelas quais os estudantes percebem a realidade escolar” (ZAN, 2010, p. 2). Esse recurso tem sido utilizado amplamente nos campos de investigação, “fazendo ver aquilo que os pesquisadores não conseguiam registrar no cotidiano da pesquisa” (GOBBI, 2011, p. 1218).

O uso da fotografia em pesquisas nos espaços de educação formal oferece outras percepções e sentidos no momento da interpretação dos dados, especialmente se os registros são efetuados pelos sujeitos do próprio grupo investigado, pois indica o que precisa ser visto com mais detalhes, o que parece ser mais significativo (ZAN, 2010). No caso da presente pesquisa as próprias crianças, com as quais convivemos, registraram a maioria das fotos, participando ativamente na construção do conhecimento.

A possibilidade de utilização da fotografia como geração e análise das informações fundamenta-se na abordagem da Metodologia Artística de Pesquisa em Educação (MAPE). Egas (2015) explica que as imagens fotográficas “descrevem, analisam e interpretam os processos e atividades educativas e artísticas; constituindo um meio de representação do conhecimento” (EGAS, 2015, p. 3436). Assim, o uso do foto-discurso é uma forma de análise de dados que busca selecionar as imagens que *falam* por si e tem a propriedade de revelar às/aos leitoras/es o que aconteceu durante o processo. Nesse momento não há texto, apenas uma legenda poética, uma vez que:

[...] as imagens fotográficas constroem argumentos, apresentam e discutem hipóteses e sustentam visualmente o desenvolvimento conceitual de uma investigação, formulando perguntas, descrevendo situações, defendendo posições éticas. Neste caso, a fotografia é usada para algo que somente ela pode oferecer (EGAS, 2015, p.3437).

Ademais, para que a utilização da fotografia seja profícua, é necessária uma articulação entre as linguagens escrita e visual, de forma que uma complemente e enriqueça a outra. A esse respeito, não explicamos ou anunciamos as imagens; tão pouco há qualquer tipo de fechamento ou considerações apontadas por nós. O princípio dessa opção metodológica é permitir que a fotografia revele o que só ela tem para oferecer aos olhos de cada leitor/a. Entretanto, assumimos aqui, as limitações ao movimento dançante infantil e às próprias dinâmicas experienciadas ao longo da pesquisa, que a fotografia pode desvelar.

Por fim, apontamos que este estudo, antes de ganhar corpo, foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) sob o número 51819415.60000.5083 e contou com as devidas autorizações por meio da carta de anuência da instituição e dos termos de assentimento e consentimento livre e esclarecido. Tudo foi feito com o intuito de proteger o bem-estar das/os participantes, bem como assegurar sua integridade e dignidade.

Produção: quando o roteiro começa a ganhar vida

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, apresenta como proposta central a ampliação, diversificação, aprofundamento e complexificação do conhecimento das crianças entre 0 a 5 anos de idade, por meio de atividades que envolvam as trocas sociais (GOIÂNIA, 2014). Nesse processo de acesso, interação, transmissão, produção e (re)significação dos saberes, as inúmeras linguagens - oral, sonora, escrita, corporal, artísticas, a brincadeira, dentre outras-, são utilizadas de maneira indissociada. Em especial, as linguagens artísticas destacam-se como formas de ser, perceber, estar e atuar no meio, se revelando importantes conhecimentos e de compor o cotidiano e a ação pedagógica nas instituições que atendem essa gente de pouca idade.

Na Educação Infantil, a Arte necessita ocorrer de forma agradável, divertida, integrada, abrangente e enriquecedora, impulsionando as experiências sensíveis-estéticas, uma vez que as crianças “são novidadeiras, inventam modas, criam mundos e fundos; brincam com tudo que está a sua volta, mexem, pegam, puxam, experimentam, montam e desmontam, acham graça das coisas; fantasiam, viajam na imaginação, elaboram formas,

buscam e inventam cores (OSTETTO, 2011, p.2). A garotada faz poesias com as palavras, com os objetos e com o corpo inteiro, pois pensam metaforicamente e expressam seus saberes por meio das linguagens presentes na cultura na qual estão inseridas/os. Todavia,

[...] no âmbito da Educação Infantil, falamos em ampliação dos repertórios vivenciais e culturais das crianças como um dos objetivos a serem conquistados, assim como na necessidade de um trabalho que considere as múltiplas linguagens da infância. Porém, o que temos presenciado é a simplificação e o empobrecimento da “arte” em uma versão escolarizada, encerrada no fazer e visando a um produto, colocando em ação “o mesmo para todos”, “sigam o modelo”, “é assim que se faz”. Na Educação Infantil, frequentemente, a arte mostra-se com a roupagem de um conteúdo a ser ensinado em determinados momentos ou um conjunto de técnicas e instruções para o exercício de habilidades específicas (OSTETTO, 2011, p.5).

Com a dança isso não se difere. Esta linguagem oportuniza que as crianças se expressem, se conheçam, criem e interajam com o corpo da maneira que mais lhe for cabível, desde que não seja uma *receita de bolo*, com modelos prontos e corretos. Segundo Boff (2017), a dança não precisa necessariamente sempre se enquadrar em um estilo determinado, pois as possibilidades são infinitas e cada um pode criar seus próprios movimentos e decidir o que vale ou não vale como dança. Desta forma, a “dança pode ser o que você quiser, mas não pode ser qualquer coisa” (BOFF, 2017, p. 46).

Neste contexto, Almeida (2013) ressalta que:

[...] a dança com a Educação Infantil necessita estimular a descoberta, e não a padronização; a improvisação, e não a repetição de movimentos previamente determinados. Uma dança que não aprisione o movimento, mas liberte a imaginação, a criatividade e a expressão; que germine das ações básicas do cotidiano e suas combinações (andar, girar, saltar, parar, torcer, dobrar), almejando um conhecimento amplo das possibilidades de movimento, do espaço e da consciência corporal. E, por fim, que possibilite o brincar com o corpo, conhecer-se, conhecer o outro e o meio que o cerca (ALMEIDA, 2013, p.34).

Desse modo, assumir a dança como uma área de conhecimento, um patrimônio cultural da humanidade e uma linguagem artística, é conceber que ela possui um conjunto de elementos/signos próprios – conteúdos que envolvem aspectos e estruturas do movimento – que permitem a comunicação por meio do corpo com perspectivas de combinação que produzem significado que precisam ser experimentados e compreendidos ao longo do processo educativo (BOFF, 2017).

Sob tal aspecto, nos embasamos na sistematização proposta por Almeida (2013; 2016) em sua dissertação de mestrado, que organiza os elementos fundantes da Dança com a Educação Infantil do seguinte modo: *Corpo* (ações corporais; deslocamento e imobilidade; ênfase nas partes do corpo; liderar o movimento com uma parte do corpo; partes em contato; contato e improvisação e estrutura corporal); *Movimento Expressivo* (peso; tônus; apoios; equilíbrio; postura); *Espaço* (espaço amplo; espaço social; cinesfera; direções; níveis; planos; tensões espaciais; projeção; distância; forma; progressão no espaço) e *Ritmo* (tempo e percepção rítmica).

Também nos referenciamos em Almeida (2013; 2018), dada a consonância com nossas observações diagnósticas, para elencar possíveis estratégias de abordagem da dança com a criançada, sendo elas o lúdico, interação social, improvisação, apreciação estética⁴ e as TIC (objeto central dessa pesquisa). À vista disso, nossas intervenções foram inundadas de faz de conta, risos e imersões em vivências de criação, recriação, combinação, composição e experimentação de gestualidades diversas, bem como do exercício de observar, ouvir, sentir e conversar, que fomentaram

[...] dançar em duplas, trios, pequenos e grandes grupos, possibilitando a oposição, apreciação, imitação e a elaboração de ações coletivas. Tais atividades podem ser estimuladas, por exemplo, por meio de jogos e improvisações temáticas, nas quais a criança pode dançar, 'seguindo o mestre', explorar movimentos em um nível do espaço oposto ao seu parceiro ou combinar como irão organizar a posição dos materiais de aula para vivenciar as tensões espaciais (ALMEIDA, 2013, p.45).

Nesse sentido, a interface entre a Dança e as TIC baseou-se no ensejo de interligar e ampliar os espaços de conhecimento como pontes para uma educação digital que valorize, de maneira igualitária, as diferentes formas de pensar, agir e viver das/os envolvidas/os no processo educativo, destacando a beleza do singular e do heterogêneo, para viabilizar formas outras de compartilhar o saber na convivência e na colaboração.

A relação entre Tecnologia e Dança, contudo, não é tão recente quanto parece, uma vez que desde o surgimento da fotografia, do cinema, da televisão e do computador, a

⁴ Para saber mais sobre os elementos e estratégias da dança com a Educação Infantil acessar: Almeida (2013; 2016; 2018) e Andrade (2016).

Dança foi sofrendo influências que modificaram a conexão das/os dançarinas/os com o espaço e o tempo (PINHEIRO, 2002, p. 6). Nesse sentido, o corpo influenciado pela tecnologia teria, segundo Romero; Faria (2016), a capacidade de abrir um leque de possibilidades culturais, políticas e estéticas para pensar a Dança e o corpo como mediadores de informações.

Deste modo, o elo entre Tecnologia e Dança na Educação formal talvez

[...] possa estar não só na rede, mas nos celulares com jogos educativos; na *internet* para aulas *on-line*; nos *games*, utilizando-se sensores, fazendo as crianças (re)inventarem o movimento; em *softwares* 3D de anatomia, fisiologia, cinesiologia e biodinâmica e, quem sabe, seja possível dançar com holografias, além de outras atividades (BITTENCOURT, 2005, p.8).

A esse respeito, com meninas e meninos de pouca idade,

[...] conforme estabelecido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a aproximação com as multimídias garante o direito das crianças ao acesso e uso dos diferentes recursos tecnológicos e midiáticos, amplia suas possibilidades de expressão. Desta forma, um dos papéis das educadoras e dos educadores é o de potencializar a produção de culturas infantis, que tenham a escuta apurada e sensível na gestão do seu cotidiano com as crianças e serem defensores das várias formas de ser criança e viver as infâncias (GOIÂNIA, 2014, p. 23).

Entretanto, as mídias, caracterizadas de um modo geral pelos meios de comunicação de massa, possuem uma alta capacidade de sedução, e ao apresentarem valores, padrões sociais, condutas e comportamentos, podem tornar-se poderosos instrumentos de convencimento. Com isso, segundo Ozaki e Vasconcellos (2008), é fundamental que as/os docentes saibam (re)conhecer tais influências para enfrentar o desafio de desenvolver o discernimento da meninada, evitando, por exemplo, a atribuição de um *tablet* apenas para que se aquietem e se distraiam. Assim como qualquer outra estratégia, exige planejamento, critério e criticidade para que seja possível trabalhar adequadamente e de forma positiva.

As tecnologias são recursos que oferecem muitas possibilidades de pensar a Arte por meio do movimento do corpo. A filmadora pode ser uma forma de registro do processo de criação, bem como um meio de retomada de encontros já ocorridos. Já a fotografia, uma atividade sobre pausa e o movimento ou apreciação estética. Ainda sobre a fotografia,

podemos usá-la para estimular a produção coreográfica, a improvisação ou exemplificar algo sobre a vivência que está sendo proposta, além de o/a professor/a poder abordar e diferenciar o uso dos diversos planos e angulações fotográficos.

A fotografia e o vídeo, juntos, instigam ainda mais um outro olhar, mais sensibilizado, para captar nuances que poderiam passar despercebidas no momento da prática dançante, além de serem recursos que cativam a criançada por provocar a curiosidade. Fotografia e vídeo são vistos como:

[...] forma de comunicação, adaptada à sensibilidade principalmente das crianças e dos jovens. As crianças adoram fazer vídeo e a escola precisa incentivar o máximo possível a produção de pesquisas em vídeo pelos alunos. A produção em vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica. Moderna, como um meio contemporâneo e que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para as crianças como para os adultos (RAMOS; COPPOLA, 2009, p. 4).

A *internet*, por sua vez, pode ser utilizada como uma ponte entre a instituição e a sociedade, proporcionando uma interação proativa e divertida entre as/os envolvidas/os no processo educativo. Por meio dela, as/os professoras/es e as crianças podem buscar músicas, vídeos e imagens relacionadas aos projetos de dança, seja em tempo real, ou antes das vivências, usando-a para baixar arquivos que serão vistos posteriormente.

Já o *datashow* permite a associação entre diversas mídias e recursos tecnológicos simultaneamente, uma vez que integra a imagem, luz, som, texto e movimento. De acordo com o Antonio (2010b), esse recurso possui variadas formas de utilização na escola para além de uma TV de tela gigante, uma vez que, com a parceria do computador e da *internet* promove-se a montagem ou edição de vídeos, sons e imagens em tempo real, com a participação das crianças. O autor supracitado (2010b) ainda exemplifica que as/os docentes poderão promover visitas com a garotada em um museu, mesmo sem sair da sala, usando aplicativos que permitem andar pelas ruas como se nelas, efetivamente, estivessem.

Para a abordagem da dança o uso do *datashow* pode servir para projetar vídeos ou fotos, tanto para apreciação como para dançar com as imagens ou com as sombras do próprio corpo, enfatizando a forma, o contorno e os tamanhos corporais.

Por fim, os celulares e *tablets*, considerados verdadeiras *centrais de multimídia computadorizada*, com seus aplicativos que gravam áudio, produzem e editam vídeos, capturam fotos, oferecem filtros de cor, desenhos, entre outras tantas alternativas, podem abarcar diversas possibilidades metodológicas nas atividades com as crianças (ANTONIO, 2010a). A esse respeito,

[...] alguns professores se queixam que os telefones celulares distraem os alunos. É verdade. Mas antes dos telefones celulares eles também se distraíam. A única diferença é que se distraíam com outras coisas; como, aliás, continuam fazendo nas escolas onde os telefones celulares foram proibidos. O que causa a distração nos alunos é o desinteresse pela aula e não a existência pura e simples de um telefone celular (ANTONIO, 2010a, p.3).

Logo, é interessante estimular as crianças a utilizarem a tecnologia no sentido de que elas ensinem umas às outras, aproveitando para aprender junto, ao mesmo tempo em que se orientam.

Na prática é possível usar o celular ao ofertar vivências dançantes em diversas finalidades, como filmar as crianças dançando, para que possam se observar em vídeo; utilizá-lo como gravador de áudio para registrá-las cantando e usar a gravação para que elas dançam ouvindo a própria voz, assim como sugerir que filmem os colegas com o intuito de instigá-las a ter um olhar artístico para o registro do movimento.

A partir dessa exposição, nota-se que as TIC proporcionam uma infinidade de possibilidades metodológicas com abordagens interdisciplinares, fomentando práticas educativas dinâmicas, participativas e inovadoras na perspectiva das múltiplas linguagens: visual, auditiva e corporal, integradas a imagens, textos, vídeos, entre outros. O limite para o uso da tecnologia só depende do limite da criatividade das/os docentes.

Produção: colocando as máquinas para funcionarem

Antes de qualquer exposição é preciso registrar que os dados apresentados são provenientes dos encontros dançantes que aconteceram uma vez por semana, ao longo de 10 quartas feiras, com duração 40/50 minutos cada, para duas turmas de 20 crianças, sendo uma, de crianças 4 anos de idade e outra turma, de crianças com 5 anos de idade.

Antes de iniciar a experimentação das TIC nas propostas dançantes, foram feitas observações na busca de conhecer melhor a meninada, explicar nossa presença no espaço educativo, saber se elas concordavam em participar da pesquisa e se poderíamos filmá-las e fotografá-las. Também buscou-se interagir com o cotidiano e estreitar as relações pessoais com os membros adultos da instituição.

Nesse período de reconhecimento do local verificou-se que a turma de crianças com 4 anos de idade estudava as *Cirandas do Brasil* e a turma de crianças com 5 anos estudava as *máscaras da África*. Com base nessa informação, estabeleceram-se os eixos do projeto de dança, que abordariam as partes do corpo, danças de roda e arte africana. A ideia de trabalhar o corpo surgiu após termos ouvido o comentário de uma das professoras de que a criançada possuía dificuldades em discernir e nomear as partes do corpo. Identificamos tal aspecto como uma potência para iniciar a mediação da dança a partir do elemento CORPO (ALMEIDA, 2013; 2016; 2018). Além disso, o tema central do projeto pedagógico da instituição em que estávamos inseridas era Artes, o que justifica a escolha pelas máscaras africanas e as cirandas.

Para o trabalho com a temática sobre África recorreremos a Cunha (2016) que, apresenta em seu livro, cantos, brincadeiras, contos, jogos de dança, coreografias, jogos de audição, entre outros, na perspectiva de valorizar a cultura Afro-Brasileira e dialogar com a necessidade de “pensar a prática escolar como prática contextualizada, preenchida de sentidos e significados que se originam na vida de alunos e professores em suas relações com o mundo que os faz sujeitos” (CUNHA, 2016, p.3).

Almejando entrelaçar os três eixos acima mencionados - partes do corpo, danças de roda e arte africana - com as TIC, mais os elementos e estratégias da dança (ALMEIDA, 2013; 2016; 2018), elaboramos o plano de ação intitulado *Câmera e Dança: criança em ação*.

Os caminhos metodológicos adotados ao longo do processo fizeram com que optássemos por agrupar as práticas educativas por tecnologia, como poderá ser visto a seguir.

- Vídeo

A primeira vivência⁵ com o vídeo foi a apreciação de crianças africanas dançando. Buscamos algumas referências de brincadeiras e cantos africanos com o intuito de apresentar a criançada outras possibilidades de movimentação do corpo. Na filmagem que visualizamos, as/os dançarinas/os usavam diversos movimentos dos braços, pernas e cabeça, conectando, assim, a dança com seu aspecto *partes do corpo* (ALMEIDA, 2013; 2016). Desta maneira, usamos o vídeo na perspectiva da *sensibilização*, ensejando fomentar o interesse e a motivação das meninas e meninos de pouca idade para a dança. Utilizamos também o *datashow* para obter uma melhor visualização do vídeo.

Durante a exibição perguntamos as crianças se elas conseguiam notar algo diferente na dança em questão, ou que elas nos dissessem o que mais chamava a atenção no vídeo. A meninada comentou sobre os movimentos de pernas, braços e cabeça, e que queriam aprender a dançar daquele jeito. Com base nas respostas, propomos que elas experimentassem, em seus corpos, os gestos observados, além de ter sido elaborado, em conjunto com elas, uma sequência coreográfica com 4 movimentos.

Assim, por meio da imitação do vídeo, a garotada pôde reelaborar os gestos à sua maneira, trocar entre si suas descobertas e combinar conosco os movimentos que pertenceriam à composição coreográfica. Tal estratégia serviu de referência para a apreensão e investigação e combinação de movimentos outros. Ademais, Almeida (2013; 2016) menciona que a apreciação estética pode ampliar o repertório e o universo cultural das crianças, bem como estimular a capacidade de observação e compreensão da proposta que está sendo mediada, nesse caso, a dança africana.

Também recorreremos ao vídeo para apreciar vídeos-dança⁶ que, além de destacarem partes do corpo no ato de dançar, se valiam de outras formas de usar a câmera e seus planos - aberto, médio e fechado -, angulações e distâncias diversas. Diante disso, durante

⁵ Os planos de ação, o sequenciador e a descrição completa das intervenções, bem como os diários de campo das pesquisadoras, encontram-se disponíveis nos arquivos do GPDAEI (UFG).

⁶ Vídeo-dança é um produto artístico híbrido, proveniente da interface entre elementos do audiovisual e da dança, no qual o movimento e o olhar do *videomaker* são os eixos dos processos de criação (ROMERO; FARIA, 2016).

cada exibição, perguntávamos se as crianças conseguiam identificar os planos e os ângulos utilizados, chamando a atenção para que compreendessem que o ato de fotografar e o de filmar não consistem apenas em apertar o botão de uma máquina.

Antes de trabalharmos com tais equipamentos eletrônicos, abordamos alguns conceitos de planos e angulações, nos valendo de cartões de papel recortados, simulando uma tela fotográfica/filmadora, como pode ser observado na imagem a seguir.

Imagem 1. Experimentando os planos da câmera no papel



Autora: Fernanda de Souza Almeida

Feita as explicações iniciais acerca da utilização dos equipamentos eletrônicos, organizamos a criançada em dois grupos. O primeiro teve o desafio de dançar seguindo as regras de um jogo por nós proposto. O segundo grupo ficou responsável por filmar as/os colegas de modo a experimentarem as diversas possibilidades de captação da imagem. Para esta vivência empregamos os seguintes elementos da dança: adaptação ao espaço, os ritmos rápido e lento e a pausa (ALMEIDA, 2013; 2016), juntamente com músicas e brincadeiras africanas (CUNHA, 2016).

Destacamos que, ao propor essa atividade, tivemos o cuidado de acompanhar de perto as crianças e auxiliá-las no manejo dos aparelhos tecnológicos. Nosso objetivo foi o de que as crianças experimentassem a câmera de maneira produtiva e criativa, na tentativa de evitar que desviassem o foco para interesses pessoais. Isso posto, avaliamos que o uso do vídeo, nos diversos encontros que tivemos, foi bastante satisfatório.

Ressalvamos apenas, a necessidade de as/os docentes se atentarem à duração, dinâmica e qualidade dos vídeos para apreciação, em função do tempo de dispersão da turma.

- *Datashow*

Recorremos ao *datashow* para projetar vídeos-dança, videoclipes, imagens de estátuas africanas, fotos tiradas pelas próprias crianças, filmagens capturadas por nós durante os encontros e, principalmente, projetar sombras na parede para incentivar a percepção da criança quanto às formas e contornos do corpo ao dançarem.

Em um dos encontros usamos o vídeo-dança intitulado *Em outro pé*, da Cia *Balangandança*, para que pudesse ser visualizado os movimentos com os pés em diferentes planos, angulações e velocidades. Tal vídeo-dança serviu de referência para que as crianças notassem as diversas possibilidades de dançar tendo como foco apenas os pés, bem como as variadas formas de filmar essa parte do corpo: de lado, por cima, por baixo, entre outros.

A partir disso, propusemos o jogo dos pés (CUNHA, 2016), associado às experimentações de intervenções anteriores; no qual, para jogar, as crianças precisariam elaborar movimentos combinados entre vídeo e vivências dançantes. Na sequência, sugerimos que imitassem os gestos criados por cada colega, na intenção de que pudessem interagir e aprender a importância do trabalho coletivo para criação em dança.

Em outra ocasião, usamos o *datashow* para projetar algumas imagens de estátuas da Arte africana, que foram pesquisadas, por meio da *internet*. Na sequência, solicitamos que as crianças imitassem as cinco figuras que mais lhes chamaram a atenção, e que trocassem de uma pose a outra na intenção de gerar movimento e pausa. Propomos, também, que a meninada imaginasse as estátuas dançando e que as representassem variando o ritmo (rápido, lento e a pausa), as ações básicas do esforço de Laban (pontuar, deslizar, empurrar, sacudir, flutuar) e os apoios (ALMEIDA, 2013; 2016; 2018).

Em seguida, aproveitamos a luz do *datashow* para proporcionar que experimentassem esses movimentos, a partir da sombra refletida na parede. Separamos a criança em pequenos grupos: enquanto um grupo iria dançar o outro assistiria,

invertendo-se os papéis ao longo de nosso encontro. Nossa intenção foi a de fomentar a apreciação estética, a interação, a improvisação e a combinação das múltiplas linguagens.

Imagem 2. Dançando com a sombra



Autora: Fernanda de Souza Almeida

As ações praticadas nesse contexto foram interessantes pelo fato de os pequenos terem se apropriado dos movimentos e das variadas formas de desenhos corporais apresentados nos vídeos, nas brincadeiras, imagens e imitações para a criação das próprias danças.

- Câmera fotográfica: fotos digitais

Nos dias em que optamos por experimentar possíveis aproximações com a fotografia para dançar com essa gente de pouca idade, usamos os aspectos da dança cinesfera (máxima e mínima expansão do movimento) e o equilíbrio estático e dinâmico (ALMEIDA, 2013; 2016) como eixo central de ação. Para tanto, deu-se continuidade aos movimentos de imitação das estátuas da Arte africana. A proposta foi a de que as/os participantes tirassem fotos das experimentações dos/das colegas, uma vez que já conheciam os planos para a captura de imagens.

Finalizamos esse encontro mostrando para as crianças, por meio do *datashow*, as imagens feitas por elas mesmas. Conversou-se a acerca de nitidez, enquadramento e outros elementos que apareceram nas fotos. Nossa conversa foi respaldada por Gobbi (2011), que vê a fotografia como um recurso que educa, constrói e reconstrói realidades, podendo

[...] ser um elemento que possibilita da compreensão da linguagem das crianças, daquilo que elas nos dizem, mesmo sem o uso de palavras. Podemos dizer que o ponto de partida desse instrumento metodológico é a interação entre as pesquisadoras e as crianças (GOBBI, 2011, p.4).

A experiência desse dia foi edificante pelo fato de, inicialmente, não termos nos atentado ao fato de que poderíamos associar o recurso tecnológico da fotografia às vivências dançantes. A ideia veio ao longo do processo e da escuta dos comentários infantis. Assim, percebemos as inúmeras possibilidades que a fotografia poderia proporcionar ao projeto, por ser uma ação criativa, atraente, divertida e interativa.

Aqui ficou evidente nossa maneira de se colocar em relação, de assumir o imprevisto, o não dito e as especificidades de cada grupo de crianças, acolhendo o inesperado como um elemento estruturante e possibilitador de uma construção coletiva. Uma abertura a escuta, as interlocuções e as oportunidades que surgem ao longo do processo educativo.

- Celular

Como esse dispositivo comporta em si inúmeros aplicativos, realizamos diversas ações com e a partir dele. Filmamos e fotografamos as crianças dançando, assim como as próprias crianças filmaram e fotografaram os colegas em movimento, aplicando filtros, efeitos artísticos, planos, angulações, tons e saturação da cor, brilho e contrastes da luz no momento de captura das imagens.

Uma experiência significativa de ser aqui exposta, ao aproveitar alguns recursos disponíveis no celular, foi quando utilizamos o gravador de áudio. Inicialmente, apresentamos um jogo infantil africano denominado *SiMamaKaa*, que associa um canto em Suaíle - um dos idiomas da Tanzânia -, ao ato de andar de maneiras diferentes (CUNHA, 2016). As crianças e nós aprendemos a letra da música, gravamos a nossa cantoria, nos ouvimos cantando e dançamos ao som do áudio produzido pelo coletivo.

Imagem 3. Nos escutando cantar



Autora: Fernanda de Souza Almeida

Observamos a imensa alegria e emoção nítidas em seus rostos ao se escutarem cantando, nos deixando profundamente sensibilizadas. Um fato curioso desse dia foi a ação das crianças no sentido de quererem nos ensinar como manusear o celular. Foram recorrentes comentários como “- professora eu já sabia disso”; “- ah, isso é muito fácil”; “- é simples, aperta aqui”. O que demonstrou a frequente inserção dessas meninas e meninos nesses ambientes virtuais e apropriação das diversas tecnologias.

- *Internet*

Segundo Ramos e Coppola (2009), as instituições de educação formal precisam compreender e incorporar a *internet* no dia a dia educativo, de maneira inovadora como fonte de pesquisa e estratégia para a abordagem de temas e construção do conhecimento, oferecendo maior subsídio para uma nova/outra postura na ação docente.

Em nossos encontros no CMEI recorremos a *internet* diversas vezes para buscar vídeos, brincadeiras africanas, imagens, artigos científicos e, claro, para adquirir conhecimento sobre as TIC no contexto da Dança. Perguntamos à outras/os docentes de dança se haviam utilizado alguma tecnologia para abordar a dança com as crianças pequenas, trocamos experiências, inquietações e frustrações com diferentes pessoas, de diferentes lugares do Brasil. Formamos redes, criamos vínculos e encontramos um modo de estabelecer relações e parcerias possibilitadas pela tecnologia.

Contudo, a *internet* precisa ser reconhecida e incorporada como elemento pedagógico por parte das instituições de ensino formal. Tais espaços necessitam

se atentar para o amplo papel das TIC na (re)elaboração de conhecimentos e como as/os professoras/es podem potencializar e mediar a relação tecnologia-criança-projeto pedagógico, para assim, expandir e diversificar a própria prática educativa.

Apesar de as crianças nascerem na era digital e precocemente saberem manusear recursos tecnológicos, como um celular, é preciso levar em consideração o imenso volume de dados em circulação. Diante dos inúmeros materiais necessitamos (nós e as crianças) (re)aprender como encontrar, selecionar, avaliar e organizar as múltiplas informações. A qualidade da aprendizagem em tempos digitais requer orientação, colaboração e partilha (OZAKI; VASCONCELLOS, 2008) para que as crianças deixem de serem tratadas como receptoras passivas das informações e passem a serem concebidas como autoras, cocriadoras, avaliadoras e comentadoras críticas no espaço educativo.

Em nosso processo de reaprender a manusear os recursos tecnológicos para esse projeto de dança, buscamos referências sobre diversos aplicativos de cunho interativo a serem oferecidos no contexto educativo; optando, entre outros, pelo *Mysical.ly* (atual *TikTok*). Por meio de tal recurso mostramos para as crianças dois vídeos com diferentes velocidades - rápida e lenta - para que elas visualizassem uma das possibilidades que esse aplicativo possibilitava para o ato de dançar. Conversamos sobre aspectos estéticos e artísticos, tanto dos vídeos como das danças, incentivando suas criações e autorias, tanto nas capturas de imagens como no dançar.

Em seguida, relembramos o que foi visto acerca das gestualidades e outros elementos da dança abordados em encontros anteriores. Especialmente, rememoramos o que foi visto em relação os níveis, cinesfera, ritmo, ações básicas do esforço e apoios. Organizamos a garotada em grupos para que elas articulassem entre si quem iria filmar e quem iria dançar, pedimos que elas escolhessem uma música e iniciamos as experimentações.

- Foto-discurso

Na sequência deste texto apresentaremos algumas fotos que revelam o percurso de nosso trabalho como um todo e como as imagens *falam* por si, propomos que as/os leitoras/es façam as próprias análises frente às imagens.

Imagem 4. Dança em ação



Autor: criança

Imagem 5. Um quadro e um olhar transformado



Autor: Fernanda de Souza Almeida

Imagem 6. Cultivar-cultura



Autor: Fernanda de Souza Almeida

Imagem 7. Uma visão tecnologicamente dançante



Autora: Fernanda de Souza Almeida

Imagem 8. Movimentos angulares



Autora: Fernanda de Souza Almeida

Imagem 9. Uma tela de possibilidades



Autora: Fernanda de Souza Almeida

Pós-Produção: revisão e edição para a magia acontecer

No intuito de investigar uma possibilidade de abordar a Dança com a Educação Infantil tendo as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como eixo central dos

procedimentos metodológicos, recorreremos a autores específicos que produziram material significativo quanto o uso das TIC no contexto de educação, além de termos buscado conhecer melhor o campo em que atuaríamos.

(Re)analisando o material gerado durante a pesquisa, observamos que é possível empregar as TIC de diferentes modos para oferecer diversas vivências em dança e, assim, promover o engajamento da criança durante as propostas. No início de nossas intervenções deparamo-nos com meninas e meninos que não queriam participar das atividades programadas, todavia, ao longo do processo o interesse das crianças menos participativas foi sendo despertado pela curiosidade quanto ao uso dos recursos tecnológicos.

Em especial, destacamos, os recursos utilizados para fins de apreciação estética como um dos pilares que mais favoreceu com que elas dançassem pois, ao se verem e, a outras crianças e adultas/os dançando, obtiveram referências, enriquecendo seu repertório de movimento para compor suas danças. Isso mostra que:

[...] as TIC permitem que hoje a informação seja facilmente captada, armazenada, processada, copiada, enviada e disponibilizada de forma digital. As tecnologias digitais é que tornam viável a convivência, manipulação, localização e usufruto dessa enorme quantidade de informação hoje existente (OZAKI; VASCONCELLOS, 2008, p. 8).

O problema consiste, muitas vezes, em não saber como mediar as TIC com as crianças pequenas ou mesmo subestimá-las quanto ao saber manusear um recurso tecnológico e/ou sua capacidade de responsabilidade. No caso do trabalho com a dança as TIC podem ser uma potência para a criação, expressão e transformação artística, tornando-se uma ponte entre o mundo virtual e o real.

Com essa pesquisa, verificamos que seria necessário mais tempo de intervenção para que as crianças, de fato, se apropriassem das tecnologias e as utilizassem de maneira mais criativa, híbrida e sensível para a elaboração de suas próprias danças. Avaliamos que o processo como um todo foi significativo e enriquecedor, sobretudo para nós, uma vez que lançamo-nos a deriva do desconhecido, nos desafiamos, arriscamos, erramos, refletimos, reelaboramos e construímos conhecimentos de modo conjunto, na prática. Aprendemos a apreciar o percurso e a perceber e valorizar que as grandes belezas da

prática docente em dança se encontram nos detalhes, principalmente, quando estamos com essa gente de pouca idade.

Por fim, apontamos que seria importante a produção de mais pesquisas que abarcassem o tema das artes africanas, por ser um assunto de grande ascendência para se discutir relações étnico-raciais, respeito, diversidade, interculturalidade, entre outros.

Existem infinitas possibilidades de abordagem da dança, entretanto, precisamos continuar descobrindo, experimentando, insistindo, resistindo e re-existindo para que a dança/arte permeie, especialmente, o cotidiano infantil de maneira criativa, sensível e transformadora!

Referências

ALMEIDA, F. S. **Que dança é essa?** Uma proposta para a educação infantil. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, São Paulo, 2013.

ALMEIDA, F. S. **Que dança é essa?** Uma proposta para a educação infantil. São Paulo: Summus, 2016.

ALMEIDA, F. S. **Dança e Educação:** 30 propostas lúdicas com crianças. São Paulo: Summus, 2018.

ANDRADE, C. R. **Dança para criança:** uma proposta para o ensino de dança voltada para a educação infantil. Tese (Doutorado em Artes), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, São Paulo, 2016.

ANTONIO, J. C. **Uso pedagógico do telefone móvel-Celular. Professor Digital**, 2010a, site. Disponível em <https://professordigital.wordpress.com/2010/01/13/uso-pedagogico-do-telefonemovel-celular/>. Acesso em 15 out. 2017.

ANTONIO, J. C. **Uso pedagógico do Datashow. Professor Digital**, 2010b, site. Disponível em <https://professordigital.wordpress.com/2011/04/06/uso-pedagogico-do-datashow/>. Acesso em 15 out. 2017.

BITTENCOURT, A. T. A influência da tecnologia na dança. Coletânea de Arquivos do **LABLUX** Laboratório de Iluminação da Unicamp, 2005. Disponível em https://hosting.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/C%EAnica/Artigos/a_influencia_da_tecnologia_na_danca.pdf Acesso em 15 out. 2017.

BOFF, F. B. **Pequenices:** dança, corpo e educação. Porto Alegre: Canto-Cultura e Arte, 2017.

CUNHA, D. A. **Brincadeiras africanas para a educação cultural.** Castanhal: Edição do autor, 2016.

EGAS, O. M. B. Metodologia Artística de Pesquisa Baseada em Fotografia: A Potência das Imagens Fotográficas na Pesquisa em Educação. **Anais** do 24º Encontro da Anpap - Compartilhamentos na Arte: redes e conexões, 2015. Disponível em http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s8/olga_egas.pdf. Acesso em 15 out 2017.

FARIA, A. L. G.; DERMATINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (Orgs.). **Por uma cultura da infância:** metodologias de pesquisa com crianças. 3ª. ed., Campinas: Autores Associados, 2009.

FLICK, U. **Desenho da Pesquisa Qualitativa:** apresenta a construção de um desenho de pesquisa, as dificuldades na execução de um projeto e outros problemas práticos. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOBBI, M. Fotografia com crianças pequenas. **Revista Pátio-Educação Infantil.** Ano IX, nº 28, jul./set., 2011.

GOIÂNIA. **Infâncias e crianças em cena:** por uma política de Educação Infantil para a Rede Municipal de Educação de Goiânia. Secretaria Municipal de Educação, 2014.

OSTETTO, L. E. **Educação infantil:** saberes e fazeres na formação de professores. Campinas: Papirus, 2011.

OZAKI, A. M.; VASCONCELLOS, E. A revolução digital. In: POLIZELLI, D. L.; OZAKI, A. M. (Orgs.). **Sociedade da informação:** os desafios da era da colaboração e da gestão do conhecimento. São Paulo: Saraiva, 2008, p.115-150.

PEREIRA, T.B. O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação na Prática Pedagógica da Escola. Processo ensino aprendizagem. **Dia a Dia Educação**, 2016, site. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1381-8.pdf>. Acesso em 15 out. 2017.

PINHEIRO, R. **Dança e tecnologias da informação.** Projeto Experimental (Graduação em Comunicação Social). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2002.

RAMOS, M.; COPPOLA, N. C. O uso do computador e da internet como ferramentas pedagógicas. **Dia a Dia Educação**, 2009, site. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2551-8.pdf>. Acesso em 15 out. 2017.

ROMERO, J. S.; FARIAS, I. R. A dança no universo digital. **Anais** do IV Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança, 2016. Disponível em <https://proceedings.science/anda/anda-2016/papers/danca-no-universo-digital> Acesso em 15 out. 2017.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras e FAPESP, 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2009.

ZAN, D. D. P. Fotografia, currículo e cotidiano escolar. **Pro-Posições**. Vol.21, n.1, pp.149-161, 2010.